

Bacharéis e economistas

05 NOV 1991

Ignácio de Aragão

JORNAL DE BRASÍLIA

6 Com - Brasil

Declarou o empresário paulista José Mindlin (Metal Leve), um dos mais respeitados homens da indústria e da cultura de sua terra, que tem saudades da República dos Bacharéis, porque era melhor do que a dos Economistas. Mindlin não integra, de forma alguma, aquela facção de remelentos a que o Presidente se referiu, na sua virada de mesa da sexta-feira, 25. Quando seu nome aparece nas folhas, ou vem precedido da maior consideração ou está ligado a fatos das artes, da cultura e da ciência, aqueles que fizeram de São Paulo um pedaço de Primeiro Mundo incrustado na terra amada. Seus pronunciamentos são sempre exemplares, pois, pelo que se viu e continuamos vendo, nos últimos 27 anos de Brasil, ele sabe o que diz e tem provado razão.

Talvez se sentindo atingido pelo estilhaço, Delfim compareceu para dizer, em entrevista, que, com duas honrosas e não reveladas exceções, o pessoal que tratou da economia, nos últimos cinco anos, não era do ramo. Ocultas, não tanto, as exceções, porque quem conhece a patota sabe que o deputado deve estar se referindo a seu ex-secretário Galvéas e ao ex-secretário deste, Mailson. "Esprit de corps". Do resto, costumava dizer que quem sabe faz, quem não sabe ensina, com o que gostava de fustigar o louvado professor Simonsen. Malgrado o endeusamento de Delfim, que muitos fazem mais por saudosismo do que por convicção, quem foi testemunha ocular sabe que o eminente deputado não consentou nada, empurrou o problema com a barriga. Não ficou obra feita, só mal-acabada, boa para deteriorar-se ao impacto dos primeiros eventos da natureza.

Repetindo o erro de seus antecessores, o Presidente entregou a eles a nossa frágil economia, o que nos levou, em pouco tempo, a ficarmos no mato sem cachorro. As coisas foram feitas pela metade ou a metade feita foi exagerada, não dando certo. O tigre ficou só desacordado, foi tomando forças e aí está, de novo, ameaçando às criancinhas, dentes arreganhados. Quando chegou o Dr. Marcílio, dos "States", bacharel, banqueiro e diplomata, houve como que um raio de esperança porque, além de não ser economista, havia pertencido à escola de Santiago Dantas. Falou-se mais em Santiago, durante a lua-de-mel do novo ministro com o cargo, do que durante toda a vida do próprio. Mas, logo se viu que o traço do desenho das medidas ficou com eles, com o mesmo excesso de força e autoridade e o mesmo hábito de crucificarem os antecessores. Para culminar, a Zélia contou aquelas estórias no livro.

O pior de tudo é que "a escola de serviço" manda aumentar a taxa de juros, mantendo-a sempre em patamar bem elevado, a pretexto de reduzir os preços e a inflação pela recessão, ao invés de fazê-lo, como Juscelino conseguiu, sustentando contida a taxa e desaguando no desenvolvimento. Até hoje o povo brasileiro o ama. E ainda anunciam que, como a reforma fiscal prevê a redução de impostos embutidos na taxa de juros, pode ser que "os bancos cobrem menos"! O Governo abre mão da arrecadação deixando ao arbítrio dos bancos ficar com a diminuição da taxa para eles ou transferi-la ao tomador dos financiamentos. Boa piada! Mindlin tem mesmo razão.